



TRAJETÓRIAS JUDAICAS

Sonia Kramer e Eliane Pszczol (Org.)





© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de São Vicente, 225, Casa da Editora PUC-Rio

Gávea | Rio de Janeiro | RJ | CEP 22451-900

Telefone: (21)3527-1760/1838

edpucrio@puc-rio.br

www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch,

José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Luiz Alencar Reis da

Silva Mello, Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.



Editora Numa

www.numaeditora.com

contato@numaeditora.com

Projeto gráfico do miolo: Mari Taboada

Projeto gráfico da capa: Flávia da Matta Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Trajatórias judaicas : história, cultura, educação / Sonia Kramer e Eliane Pszczol,
(org.). – Rio de Janeiro : Numa : Editora PUC-Rio, 2020.

Vários autores

Bibliografia.

ISBN 978-65-00006-18-6 (Numa)

ISBN 978-65-99019-49-4 (Editora PUC-Rio)

1. Cultura judaica 2. Judaísmo - Costumes e práticas 3. Judaísmo - Doutrinas
4. Judeus - Educação 5. Judeus - História I. Kramer, Sonia. II. Pszczol, Eliane.

20-44463

CDD-909.04924

Índices para catálogo sistemático:

1. História judaica 909.04924

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



SUMÁRIO

Apresentação 7

Sonia Kramer e Eliane Pszczol

**Judeus e cristãos-novos: artífices da
nacionalidade brasileira** 19

Helena Lewin

Da praça à praia: os judeus do Rio de Janeiro 43

Flávio Limonic

Judaísmo e religiosidade: entre a tradição e a renovação 67

José London e Eliane Pszczol

Judeus e relações internacionais: questões e tensões 89

Monica Herz e Jana Tabak

Anne Frank, uma conversa infinita 117

Rosana Kohl Bines

O fascínio e a força da palavra 133

Júlio Cesar Valladão Diniz

**Diálogos entre filosofia e judaísmo: crítica
e renovação da tradição** 149

Marcos André Gleizer

**Museu, patrimônio, memória, história
e a dinamização da cultura judaica** 179

Cristina Carvalho

**Tolerância, religião e escola numa perspectiva
da ética intercultural** 203

Marcelo Andrade

**Religiosidade e diálogo: Martin Buber
e a ética da escuta** 231

Sonia Kramer

**Crianças e adultos: entre gerações e interações,
histórias que contam** 257

Sonia Kramer

**Afeto, educação, responsabilidade: a articulação
entre escola e comunidade** 279

Júlia Baumann Campos

Referências e sugestões bibliográficas 295

Sobre os autores 313



APRESENTAÇÃO

SONIA KRAMER

ELIANE PSZCZOL

Este livro foi pensado e escrito para compartilhar narrativas de diversas áreas do conhecimento que compõem o campo dos Estudos Judaicos. Trata-se de um livro feito junto. Foi concebido e elaborado por professores do curso Trajetórias judaicas, idealizado pelo Museu de Arte do Rio/MAR, organizado com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e viabilizado a partir de financiamento público e privado. O curso tem como objetivo a formação de professores das redes públicas e privadas – mas não só desses profissionais –, e visa contribuir para o conhecimento e o encontro entre culturas e religiões que marcam a história da cidade do Rio de Janeiro. Interinstitucional e interdisciplinar, o projeto reúne a direção cultural do MAR e suas gerências, o Departamento de Educação da PUC-Rio e professores – de diversos departamentos – que compõem o corpo docente do curso de Pós-Graduação em Estudos Judaicos da PUC-Rio, além de convidados e colaboradores.

A história do livro tem dois começos, um convite e vários encontros. Na PUC-Rio, a história começou em 2008, quando foi implementado o curso de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, a convite do Vaad Hachinuch – Conselho de Educação das Esco-

las Judaicas – como estratégia de formação de professores que abordam no seu cotidiano temas os mais diversos referentes aos estudos judaicos. O projeto vem sendo assumido como uma iniciativa importante, por se tratar de uma universidade católica que tem o objetivo de promover educação, sem nenhum tipo de discriminação, ou seja, com forte compromisso com o conhecimento e com o diálogo inter-religioso e intercultural. Ao mesmo tempo, o projeto reúne, no corpo docente, professores de diferentes departamentos e centros da Universidade e professores convidados que atuam em instituições públicas.

No MAR, a história começou em 2014, com a preparação das comemorações dos 450 anos da Cidade do Rio de Janeiro e o reconhecimento da presença e atuação dos mais diversos grupos culturais e sociais, entre eles os judeus. Nesse contexto, tem sido estruturado o projeto “Judaica no MAR”, com a proposta de organização do curso, deste livro e da formação de um acervo com conteúdos que vão de obras de arte a objetos cotidianos da tradição judaica, documentos, livros. O convite feito pelo MAR para a PUC-Rio, que resulta na realização do curso Trajetórias Judaicas anualmente, desde 2015, tem fomentado encontros instigantes com professores de redes públicas e particulares, além de profissionais de áreas e instituições diversas.

Mas os dois começos, o convite e os encontros se entrelaçam com a história da cidade e do país. O Brasil recebeu, em seus mais de 500 anos de história, imigrantes de várias partes do mundo. Dentre esses imigrantes, judeus das mais diversas origens aqui chegaram, espalhando-se, ao longo dos séculos, por todo o território nacional. Grande parte dessa imigração veio para o Rio de Janeiro.

Nas primeiras décadas do século XX, ao fazer do Rio de Janeiro o mais importante porto de entrada da imigração judaica para o Brasil, os judeus, expulsos de seus países de origem pela intolerância religiosa ou pela miséria, traziam em sua bagagem não mais do que sua cultura e uma vigorosa de-

terminação para o trabalho. Encontraram aqui uma situação sem paralelo com o resto do país. Sede de uma Capitania, Província, Estado e da República, a cidade recebeu significativos marcos sociais, políticos e culturais que funcionaram como polo de atração e acenderam, nessa população de imigrantes, a esperança de novas oportunidades e de abrigo seguro.

Diante de diferenças étnicas e culturais que expressam a marca plural de nossa humanidade, alguns reagem com curiosidade e interesse, simpatia e apreço; outros, no entanto, com receio, rejeição, desprezo e ódio. Rejeitar ou ser hostil ao outro manifesta-se como racismo, preconceito contra características físicas ou deficiências, aversão a coletivos diferenciados por sua cultura, etnia, gênero, idade, religião ou orientação sexual. Preconceito contra negros, judeus, muçulmanos, homossexuais, mulheres, crianças, não são fatos isolados, mas atos desumanos de difamação, discriminação e – no limite – de exclusão e eliminação dirigidos a grupos ou povos diversos.

Nesse cenário, ainda hoje vivido com intensidade em muitos países, o compromisso do MAR e da PUC-Rio é dar visibilidade à presença dos mais diversos grupos culturais. Isso significa refletir sobre sua contribuição para a sociedade brasileira, como uma forma de atuar para o conhecimento, a construção de vínculos, em uma perspectiva de diálogo, ação e de transformação.

Pensar as trajetórias judaicas envolve história, tradição e língua. Do ponto de vista religioso, há judeus ortodoxos, conservacionistas e reformistas, e cada uma dessas correntes tem formas diversas de compreender e expressar o judaísmo. E judeus ateus. Do ponto de vista histórico, há judeus ashkenazis, procedentes do Leste Europeu e da Europa Central; e judeus sefaradis, que vieram da Península Ibérica, África e Ásia. Do ponto de vista político, há judeus com diferentes posições, histórias de migração e de perseguição nos seus países de origem. Nesses deslocamentos, houve encontro de línguas cuja riqueza se expressa na música, na literatura e em textos religiosos: a

língua portuguesa do Brasil que os acolheu; a língua nacional do país de origem; o Yiddish, falado, cantado e escrito originalmente por judeus ashkenazis; o Ladino, por judeus sefaradis; e o Hebraico Moderno, que se tornou falado no Estado de Israel.

Estabelecer uma relação crítica com a tradição. Assim, o filósofo Walter Benjamin se refere ao papel do intelectual de pensar a realidade, a história e o cotidiano. Contar a experiência, rememorar para que a educação atue contra a barbárie. O curso se posiciona contra qualquer tipo de preconceito e valoriza o diálogo com todas as culturas e religiões. E este livro se firma e atua, nas suas linhas e entrelinhas, com esse objetivo.

O diálogo inter-religioso é uma resposta ao preconceito religioso, que continua forte no mundo atual. A formação de professores é uma ação concreta nesse contexto. O MAR, a PUC-Rio e professores/as das escolas públicas e privadas assumem aqui sua responsabilidade, sabendo que a conquista da qualidade na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Superior exige reconhecer, aceitar, respeitar. Este é o compromisso do curso e do livro: lidar com a singularidade e a pluralidade que nos caracteriza e desenvolver as aulas com perguntas, estudos de textos, debates, e com momentos de experiência cultural com a literatura, a música, as artes visuais, de modo a pensar o mundo e as nossas práticas educacionais.

Ao ser realizado por instituições que lidam com memória, arte, cultura, pesquisa, ensino e extensão – o MAR e a PUC-Rio – e por professores que atuam em escolas públicas e privadas, esperamos que curso e livro consolidem um ambiente de pergunta, discussão e reflexão que favoreçam a abertura para percursos criativos nos espaços da sala de aula.

O livro visa que leitores e leitoras possam levantar perguntas, conhecer a história e a produção cultural judaica em diversos contextos, ouvir canções de vários tipos e tempos, nas diferentes línguas faladas pelos judeus nas mais diversas partes do mundo, se questionar, repensar as práticas em insti-

tuições educacionais e culturais. Nas travessias aqui relatadas se misturam o samba, a música *klezmer*, o chorinho ou *niguns* (cantos místicos repetitivos que, como os mantras, convidam à introspecção, à conexão, ao vínculo). Nas trajetórias, ouvem-se ecos de uma profunda tristeza a partir de contextos e tempos dos locais de origem, em que os judeus foram perseguidos, expulsos, tiveram suas famílias dilaceradas, pelos *pogroms* (violentos ataques contra populações judaicas em cidades da Rússia e outros países do Leste Europeu), pelo nazismo, pelo czarismo e pelo totalitarismo soviético. Mas nelas podem ser escutados também relatos de lutas, movimentos, experiências e ideias, expressando a alegria da reconstrução de suas vidas e identidades nos países em que se enraizaram.

Do ponto de vista ético – nosso compromisso maior –, os textos visam favorecer a reflexão sobre a presença dos judeus em diferentes cenários, em particular no Brasil.

O livro abre com “Judeus e cristãos-novos: os artífices da nacionalidade brasileira”, de Helena Lewin, que focaliza o Brasil colonial. Apresenta a pluralidade como marca constitutiva da comunidade judaica, desde a época os cristãos-novos até hoje. A autora aborda a crise do sistema colonial, o Brasil monárquico e seus desdobramentos, a construção de comunidades judaicas e a vida religiosa judaica no Rio de Janeiro imperial.

Em seguida, “Da praça à praia: os judeus do Rio de Janeiro”, de Flávio Limonic, analisa chegadas e percursos de judeus de origens diversas (europeia, norte-africana, médio-oriental) que lidam com assimilação e identidade, desde as primeiras migrações até hoje. O foco é colocado na imigração judaica e nos desafios enfrentados do ponto de vista urbano, cultural e social.

Em “Judaísmo e religiosidade: entre a tradição e a renovação”, de José London e Eliane Pszczol, a religiosidade que transborda do livro se movimenta na montagem de uma linha do tempo a partir do encontro de três agendas: bíblica, agrícola e histórica. Fruto da compreensão do judaísmo como religião e

como tradição, o texto traz festas, costumes e celebrações e se abre à discussão sobre passagem e pertencimento, diversidade de práticas e diferentes correntes do judaísmo, tradição judaica e suas influências na cultura de vários povos e civilizações.

A seguir, em “Judeus e relações internacionais: questões e tensões”, Monica Herz e Jana Tabak abordam as populações judaicas no processo de construção do mundo moderno. As autoras analisam a rede entre o Brasil e as diferentes comunidades judaicas, as relações com a expansão do comércio internacional e com a formação dos Estados nacionais e criação de instituições internacionais. Neste contexto são situados o movimento sionista e as relações internacionais do Estado de Israel.

Mas a linhagem dos judeus, segundo Amós Oz, mais do que de sangue, é uma linhagem de palavra. Assim, narrativa, memória e escrita são nossa marca mais autêntica, genuína. A relevância de ler e discutir textos literários de escritores judeus brasileiros contemporâneos, de pensar o que significa viver e escrever na diáspora, a memória como impulso narrativo na tradução de heranças, lembranças, reelaborações literárias do Holocausto da Segunda Guerra Mundial, a *Shoah*. Essa força da escrita se mostra à flor da pele no texto “Anne Frank, uma conversa infinita”, de Rosana Kohl Bines.

“O fascínio e a força da palavra”, texto de Júlio Diniz, traz a produção ficcional de escritores de origem judaica que escrevem no Brasil: Tatiana Levy, Michel Laub, Ronaldo Wrobel, no primeiro momento; Clarice Lispector, em seguida. Mas, como diz o autor, não se trata de literatura judaica. O nomadismo, a errância que marcam suas escritas, afetam diferentes povos, grupos, religiões, que cada vez mais enfrentam a diáspora. Seus personagens e objetos transitam – emblemáticos – em textos onde a chave, a queda, a caixa e a pequena flor convidam à leitura e à pergunta, à crítica e ousadia.

Também de tensões trata Marcos Gleizer. “Diálogos entre filosofia e judaísmo: crítica e renovação da tradição” parte de

uma pergunta: “existe uma filosofia judaica?”. O autor problematiza a caracterização de uma filosofia como judaica, bem como a diversidade da reflexão filosófica no judaísmo moderno e contemporâneo. Razão e revelação, universalismo e particularismo, tradição e modernidade, diálogo e alteridade estão presentes na reflexão sobre Baruch Espinosa e a crítica da tradição e sobre Moisés Mendelssohn e a renovação da tradição.

Em “Museu, patrimônio, memória, história e a dinamização da cultura judaica”, Cristina Carvalho trata do papel social dos museus e sua posição no desenho das cidades. O texto toma a memória e a história como fios condutores da construção dos museus e da sociedade. Discute aspectos relativos à dimensão crítica e interpretativa da história em relação à memória, situa as tipologias de museus e apresenta museus judaicos no Brasil e em outros países, refletindo sobre a importância da história e da memória para a sociedade em momentos de barbárie como o Holocausto vivido pelo povo judeu, um dos mais terríveis genocídios já cometidos contra a humanidade.

“Tolerância, religião e escola, numa perspectiva da ética intercultural”, de Marcelo Andrade, entrelaça cultura, religião e escola, na busca de diálogos onde estamos presentes nós e os outros. É sobre encontros, desencontros, vivências e convivências que trata o texto. O autor mostra como falar de tolerância hoje remete à diversidade religiosa, cultural, étnica, racial, de gênero e destaca como todas essas dimensões da esfera humana exigem respeito a mínimos éticos o que no cotidiano escolar significa oportunizar interações positivas.

“Religiões, religiosidade e diálogo: Martin Buber e a ética da escuta” também caminha ao encontro do reconhecimento da diversidade religiosa, por entender que a escola tem um papel fundamental na formação do ser humano para o diálogo inter-religioso. Sonia Kramer analisa conceitos de Martin Buber que contribuem para uma educação onde o diálogo inter-religioso se

apresenta como resposta ao preconceito. Encontro, vínculo, reconhecimento e aceitação do outro aparecem como importantes conceitos para uma relação de presença, inteireza, abertura, para o diálogo. Além disso, o texto carrega exemplos que se relacionam ao tema, revelando situações práticas e fazendo com que a narrativa se torne ainda mais dinâmica, contextualizada e viva.

A arte de contar histórias aparece como importante para a continuidade da vida. No texto de Sonia Kramer “Crianças e adultos: entre gerações e interações, histórias que contam”, a narrativa e a partilha entre diferentes gerações são centrais para a descoberta de nossas histórias. As sutilezas e detalhes trazidos nas lembranças tornam as memórias mais vivas. A rememoração faz com que as histórias se tornem experiência, sejam partilhadas, reveladas, fazendo com que a vivência se perpetue por meio da narrativa, segundo Benjamin (1987). A arte de contar histórias possibilita a visão crítica da história e a compreensão de nossas raízes.

Ao final, em “Afeto, educação, responsabilidade: a articulação entre escola e comunidade”, Julia Baumann Campos apresenta as possibilidades de uma relação forte entre escola e comunidade e as decorrências dessa articulação. Os conceitos de responsabilidade, educação e comunidade são abordados como ponto de reflexão para práticas educativas. Crianças, jovens e adultos aparecem como construtores de comunidades e participantes ativos do cotidiano escolar. Nesse contexto, cabe refletir sobre as práticas atuais, o anseio pela mudança, a reinvenção e o encontro de diferentes perspectivas despertando o olhar para uma educação dialógica e responsável.

A memória é uma maneira de transmissão de saber, diz Benjamin. O livro parte das trajetórias judaicas envolvendo história e memória, entrelaçando passado e presente. Ao contar histórias criamos abertura para o reconhecimento do velho, do novo, das diferenças. O conhecimento é necessário, mas não

suficiente e, por isso, o curso foi tecido de música, literatura, arte. O conhecimento, a formação estética e sensível, o agir ético e engajado são pontos importantes que permeiam a experiência de atuar contra a barbárie na direção de uma educação que envolva o diálogo, encontro, vínculo, afeto.

O compromisso com a prática, a arte, a cultura motivou a inclusão, nas turmas recentes do curso, de duas disciplinas que não estavam na concepção original: “Cultura judaica: práticas na escola” e “Ensino do Holocausto nas escolas: questões e tensões”. Ambas tratam de temas que atravessam os textos reunidos neste livro, ambas se voltam para a escola e focalizam aspectos fortes que precisam ser abordados com consciência e delicadeza.

Vale ainda dizer que este enfoque cultural mobilizou o curso. As trajetórias judaicas nos diversos países e contextos por onde caminharam os judeus estiveram sempre acompanhadas de músicas de todos os tipos, nas praças, nas ruas, nas casas, festas, clubes, sinagogas. Trilhas sonoras das nossas vidas, a música judaica – em Yiddish, Hebraico e Ladino – está presente nas aulas do curso, bem como seus diálogos com a música brasileira, o samba, o chorinho. Nossos agradecimentos a Daniela Spielmann, Sheila Zagury, Netty Szpilman; Ricardo Szpilman, Leo Fucs e Rancho Praça Onze; Mauro Perelmann, Oswaldo Carvalho e Tania Apelbaum; Aline Silveira, Bruno Rian, Davi Nascimento, Thaís Goulart e Tarsila Nascimento, do Grupo Viver com Yiddish, por ter proporcionado esses momentos.

Além de ler textos acadêmicos e literários, conhecer e debater temas clássicos e novos, simples e polêmicos, é nosso objetivo – com o curso e com este livro – ouvir relatos, cantar e dançar em roda entre passos e compassos, misturando alegria e tristeza, riso e choro. O desejo é o de estudar sentindo cheiros e sabores. Aprender a história, também com as histórias. E como cada cozinha também conta uma história, a comida

judaica conta a história de um povo desenraizado, migrante e de seus mundos desaparecidos, que sobrevivem na memória coletiva e se mantêm vivos por conta do que evocam e representam. Existe, portanto, uma memória culinária judaica que é contada em torno das mesas, nas refeições familiares. Durante o curso, a mesa familiar se transforma numa mesa comunal e os alunos, a cada aula, têm a oportunidade de experimentar os variados sabores dessa cozinha milenar. Esses sabores estão aqui representados nas receitas espalhadas pelo livro.

Enfim, uma homenagem e muitos agradecimentos. A homenagem é para nosso querido amigo Marcelo Andrade – professor do curso e autor deste livro – que partiu cedo demais do nosso convívio. Sua presença, amizade e força permanecem vivas na nossa saudade.

Agradecemos – na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio – aos departamentos de Educação, Letras, ao Instituto de Relações Internacionais, ao Centro de Ciências Sociais, ao Centro de Teologia e Ciências Humanas e à Coordenação Central de Extensão, em especial a Rosineide Silva, Ricardo Felipe Matos da Silva e Renata Melo, a Paula Huf, Julia Baumann e Rosiane Brandão Siqueira, pela organização do material e ao professor Pedro Teixeira pela colaboração à versão final do texto do professor Marcelo Andrade. Agradecemos – no Museu de Arte do Rio/MAR – a Janaína Melo, Hannah Drummond, Leno Veras, Douglas Ponso, Marcello Tallone, Izabela Pucu, Bruna Camargos, Juliane Dantas, Natália Nichols, Natasha Guimarães, Thyago Corrêa e Vânia Lúcia Santos. Agradecemos, em especial, a Paulo Herkenhoff que criou este projeto sobretudo ético, que chega agora às mãos de leitores e leitoras sob forma de livro como um convite à ação.

Que o livro *Trajetórias judaicas* funcione como um referencial que estimule a curiosidade e a criatividade de cada um que, ao lê-lo, monte, desmonte e remonte seu conteúdo e faça crescer sua experiência de vida!

“ PROVÉRBIOS

אין א שיינעם עפל געפינט מען א מאָל אַ וואָרעם.

In a sheynem epl gefint men a mol a vorem.

Em maçãs bonitas também se pode encontrar minhocas.

שיינקייט זייט מען, קלוגשאַפֿט הערט מען גוטסקייט פֿילט מען.

Sheinkait zeit men, Klugshaft hert men, Gutskait filt men.

A beleza se vê, a sabedoria se ouve e a bondade se sente.

”

contos

A MENOR CONSTITUIÇÃO DO MUNDO

Um grupo de sábios judeus reuniu-se para tentar criar a menor Constituição do mundo. Se alguém fosse capaz de definir – no espaço de tempo que um homem leva para equilibrar-se em um só pé – as leis que deviam reger o comportamento humano, este seria considerado o maior de todos os sábios.

– Deus pune os criminosos – disse um.

Os outros argumentaram que isto não era uma lei, mas uma ameaça; a frase não foi aceita.

– Deus é amor – comentou outro.

De novo, os sábios não aceitaram a frase, dizendo que ela não explicava direito os deveres da humanidade.

Neste momento, aproximou-se o rabino Hillel. E, colocando-se num só pé, disse:

– Não faça com seu próximo aquilo que você detestaria que fizessem com você; esta é a Lei. Todo o resto é comentário jurídico.

E o rabino Hillel foi considerado o maior sábio de seu tempo.

RECEITAS



BURECA

Pastel judaico típico da cozinha sefaradi, permite variados recheios.

Originalmente um prato turco, foi adotado pelos judeus que saíram da Espanha em 1492.

MODO DE PREPARO

Misturar todos os ingredientes da massa, até ficarem uniformes e fáceis de trabalhar. Abrir com rolo na espessura de mais ou menos 0,5 cm. Cortar em rodela com um copo, rechear e fechar bem forte com os dedos em forma de meia lua. Usar mais uma clara ligeiramente batida, pincelar as burecas já fechadas e, em seguida, mergulhar no gergelim. Levar ao forno médio em tabuleiro sem untar até as burecas ficarem ligeiramente coradas. Se desejar congelar, antes de assar devem ser levadas ao freezer (retirar do freezer diretamente para o forno pré-aquecido).

INGREDIENTES

Massa

- 1 kg farinha de trigo
- 500 g manteiga ou margarina
- 1 colher de sopa de sal
- $\frac{3}{4}$ copo de água

Recheio

- 1 kg queijo minas ralado
- $\frac{1}{2}$ kg queijo parmesão ralado
- 100 g manteiga ou margarina
- 5 ovos inteiros
- Gergelim a gosto (no recheio é opcional) para cobrir as burecas